

## Pedagogia culturalmente sensível e observação em sala de aula

Culturally sensitive pedagogy and observation in the classroom

Aline de Abreu Curunzi

Letícia Gabriele Zilli

268

**Resumo:** A Sociolinguística estabeleceu-se como ciência no Brasil e tem se mostrado muito importante, não só para demonstrar que o objetivo da linguagem é a comunicação, mas para valorizar a língua aprendida por cada indivíduo. Este trabalho tem por objetivo estabelecer a relação entre Sociolinguística e formação de professores em atividade, articular o diálogo entre a pedagogia culturalmente afetiva e a observação em sala de aula. De início temos alguns conceitos de Sociolinguística propostos por Labov (2008) e Coelho (2010) e também sobre pedagogia culturalmente sensível apontados por Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2009). A metodologia se baseia em um estudo de caso de cunho qualitativo e descritivo, no qual professores são observados em sala de aula para que reflitam sobre uma metodologia que inclua todos os alunos. Com isso, este estudo abrange a necessidade de orientar os professores sobre a pedagogia culturalmente afetiva durante a realização das suas aulas para que esta possa proporcionar progressos no processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Sociolinguística, Observação de sala de aula.

**Abstract:** Sociolinguist has established itself as a science in Brazil and has proven to be very important, not only to demonstrate that the purpose of language is communication, but to value the language learned by each individual. This work aims to establish a relationship between sociolinguistics and active teacher training to articulate the dialogue between culturally affective pedagogy and classroom observation. At first some concepts of Sociolinguistics proposed by Labov (2008) and Coelho (2010) and we also have some concepts about culturally sensitive pedagogy proposed by Bagno (1999) and Bortoni-Ricardo (2009). The methodology is based on a qualitative and descriptive teaching case study, which teachers are observed in the classroom, so that they reflect on a methodology that includes all students. With this, this study covers the need to guide teachers on the affective realization of their classes so that it can provide the teaching and learning process.

**Key-words:** Pedagogy; Sociolinguistic; Observation in the classroom

### Introdução

Este trabalho tem como tema “Pedagogia culturalmente sensível e observação em sala de aula”, no qual abordaremos a Sociolinguística e sua contribuição direta na escola, como o professor pode trabalhar para que todos os alunos se sintam incluídos com a metodologia.

O objetivo do artigo é estabelecer uma relação entre a Sociolinguística e a formação de professores que estão em serviço. Observamos algumas aulas



para que pudéssemos aplicar os conhecimentos da Sociolinguística, para apresentar proposições construtivas para o docente.

Espera-se que com esse trabalho consigamos demonstrar ao docente como os conhecimentos da sociolinguística aliados à prática de observação em sala de aula pode aprimorar a prática pedagógica. Tendo em vista a formação pedagógica em serviço.

A Sociolinguística é responsável pelos estudos linguísticos que buscam investigar os aspectos da relação entre língua e sociedade, a maneira como a língua é utilizada e suas variedades presentes no dia a dia dos falantes.

O princípio fundamental da língua é a comunicação a expressão, no dos pensamentos, opiniões, sentimentos de cada indivíduo. Os falantes de uma língua fazem arranjos com a linguagem de acordo com as suas necessidades linguísticas, então as há variações e mudanças na língua considerada padrão.

Coelho (2010) propõe que a Sociolinguística abrange as questões de variação e mudança linguística, contato linguístico, política e um planejamento linguístico proposto.

Segundo Labov (2008) a variação é fundamental e faz parte do comportamento linguístico humano, tendo como objeto de estudo os padrões linguísticos que são observáveis em uma comunidade dentro de um contexto social.

Os procedimentos metodológicos estão baseados em Labov (1972) e Coelho (2010) que retratam a Sociolinguística como ciência prática e que pode ser utilizada em sala de aula. Ainda, utilizamo-nos dos conhecimentos do método de observação de sala de aula para a formação em serviço, que propõe em Reis (2011) que o docente ao ser observado em sala de aula pode aprimorar suas práticas e assim colaborar com o processo de ensino e aprendizagem.

O que pretendemos demonstrar é que, o docente tem que estar aberto para modificar as metodologias de sala de aula sempre que necessário em prol do processo de ensino e aprendizagem. Os conhecimentos da sociolinguística propõem o respeito à linguagem do outro, e na escola se refere principalmente



ao aluno, na sua ambientação. Um ponto de partida para o desenvolvimento de outras variedades no âmbito escolar.

## **Sociolinguística como ciência consolidada no Brasil**

Em meados de 1960, a Sociolinguística se tornou um campo específico de estudo, apresentando duas vertentes distintas.

A primeira vertente, a “sociolinguística”, tem como objetivo descrever e analisar a língua. A segunda vertente, a “sociologia da linguagem” busca estudar e analisar a linguagem em uma sociedade e como essa linguagem funciona.

Para a Sociolinguística a língua é formada por uma “heterogeneidade sistemática” permitindo a identificação das diferenças sociais de uma comunidade, constituindo-se também como parte da competência linguística dos falantes, com o domínio de formações heterogêneas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

No Brasil, a Sociolinguística passou a ser uma ciência, sendo uma área da Linguística que estuda os usos da linguagem em uma comunidade de fala, voltando a investigar seus aspectos linguísticos e sociais, com uma certa precisão científica. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação (linguagem e sociedade) é a base da constituição do ser humano (ALKMIN, 2001, p. 21).

Esta ciência se faz presente em usos interdisciplinares, atribuindo uma relação entre língua e sociedade, tendo como principal fundamento o conceito heterogêneo da língua, ou seja, suas variedades presentes, seja em uma comunidade de fala; em um grupo de indivíduos; nas escolas etc.

Segundo Labov (2008), a variação é fundamental e faz parte do comportamento linguístico humano, tendo como objeto de estudo os padrões linguísticos que são observáveis em uma comunidade dentro de um contexto social.

Ainda assim, no Brasil, a Sociolinguística passa por um processo de formação das duas grandes normas do português brasileiro, sendo a norma culta, derivada de um uso linguístico escolarizado e a norma popular, que faz

parte da maioria da população, com as pluralidades da língua e suas variações presentes. É o campo do conhecimento que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO, VOTRE, 2013, p. 141).

Para o docente e para o discente em sala de aula é importante estar consciente que há diferenças possíveis na língua portuguesa, ou seja, há variação linguística. “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou o mesmo valor de verdade, e com o mesmo significado.” (PAULISTA, 2016,p.161)

A língua é um sistema vivo e pode ser modificado durante os falares dos indivíduos. A língua portuguesa pode apresentar várias mudanças e variações linguísticas, onde os conceitos das palavras “variação” e “mudança linguística” apresentam diferenças.

A variação linguística está presente em todos os lugares e ambientes diversificados, segundo Faraco (2008) o fenômeno da variação só nos mostra que nenhuma língua é imutável, ou seja, todas apresentarão mudanças no decorrer do tempo, nenhuma permanecerá igual todos os dias e cabe aos indivíduos aceitarem essas mudanças e se adaptarem a isso.

A escolarização está diretamente ligada ao uso de uma variação mais próxima da chamada “língua culta”. Muitas vezes, pessoas que se utilizam de uma variação mais popular sofrem preconceito linguístico. É na escola que o preconceito deve ser primeiramente combatido. Todos os professores, não só o de língua portuguesa, devem aceitar as mais diversas variações da língua e construir conhecimentos linguísticos adequados para cada situação social.

É importante que a escola mostre aos educandos que não existe um português incorreto e sim uma forma variada para utilizar a linguagem.

### **Pedagogia culturalmente sensível**

A diferença entre a cultura da escola e a cultura dos alunos vindos de minorias étnicas ou de segmentos desprovidos economicamente, representada



muitas vezes na linguagem, causam conflitos que frequentemente refletem no processo de ensino e aprendizagem e no desempenho escolar.

A pedagogia culturalmente sensível (*culturally responsive pedagogy*), termo cunhado por Erickson (1987), diz respeito a um tipo de ação empreendida pela escola que busca diminuir a dificuldade de comunicação, principalmente entre professores e alunos, no intuito de “desenvolver a confiança e prevenir a gênese de conflitos que rapidamente ultrapassam a dificuldade comunicativa, transformando-se em amargas lutas de identidade negativa entre alguns alunos e seus professores”. (ERICKSON, 1987, p.53)

O ambiente escolar precisa ser um espaço no qual o professor esteja disposto a aprender a lidar com as diferenças, descendo do pedestal onde ele muitas vezes se coloca, conscientemente ou não, e, ainda, respeitar a diversidade social, econômica, linguística de seus alunos buscando práticas pedagógicas e de letramento que proporcionem um desenvolvimento melhor no processo de ensino e aprendizagem e da competência linguística de seus educandos.

O preconceito linguístico é abordado nas obras como ponto conflituoso, na medida em que o uso do português popular desvaloriza e discrimina seus usuários. O conflito intercultural e sociolinguístico pode manifestar-se de várias formas, todas elas conduzindo à desvantagem das crianças portadoras de cultura não prestigiada na sociedade.

A solução se inicia, no que Bortoni-Ricardo chama de identificação: quando se reconhece o português popular como uma variação de nossa língua e o aluno como falante legítimo do nosso idioma e que é capaz de interagir satisfatoriamente nas situações comunicativas. Por parte do aluno, há o processo de conscientização quanto a relação entre as diferentes formas de expressão “para que ele possa monitorar seu próprio estilo”. (2005, p. 196).

A partir daí, professores podem desenvolver estratégias de ajustamento das crianças falantes dessa variedade à cultura escolar “à medida que os alunos desenvolvem hábitos linguísticos para a prática de eventos de letramento, podem transferir tais hábitos para tarefas comunicativas de oralidade que pressupõem planejamento do discurso”. (op.cit. p.197)



Outro processo mencionado pela autora diz respeito ao que ela chama de “andaimagem ou scaffolding”. O professor como parceiro mais competente linguisticamente falando, serve como apoiador na construção do conhecimento. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.197)

A identificação, a conscientização e a andaimagem são processos que só são possíveis pela visão sociolinguística dos processos interativos em sala de aula e na escola como um todo. Todo falante da língua é alguém que merece ser ouvido e respeitado como usuário profícuo dela, em sua variação. É na escola que a ampliação do campo conceitual da criança, novas aprendizagens e reflexões sobre a língua devem acontecer. O professor deve ser o agente facilitador, parceiro na construção do conhecimento, sensível a uma pedagogia transformadora.

### **Educação Bidialetal**

A escola como instituição de ensino, prioriza, não só nas aulas de português, a apropriação da norma-padrão em detrimento e, até mesmo exclusão, da variedade linguística do educando. Mesmo falando uma língua em comum, alunos sentem-se em um território estrangeiro, em meio às situações comunicativas que são artificiais e inatingíveis. A sociedade brasileira assumiu o preconceito de tudo que foge à norma padrão, tratando como errado variedades linguísticas. Nesse sentido:

Para a grande maioria dos brasileiros, as noções de dialeto (ou variedade) ou variação dialetal não tem qualquer realidade psicológica. O que existe como valor bem cultural arraigado, é a noção de erro gramatical e algumas pronúncias regionais que tem caráter de estereótipos. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.138)

Não é difícil encontrar na fala e nas atitudes de professores, muitas vezes inconscientemente, o preconceito e a negação no que diz respeito à variação de seus educandos. Claramente as diferenças linguísticas vindas das diferenças sociais, não são levadas em conta. A imposição da aprendizagem da língua padrão fica escondida atrás de formas de pensar tão arraigadas, que nem permitem dúvidas.



Professores que usam geralmente a norma urbana de prestígio, nem percebem que a linguagem que usam não atinge seus alunos e até dificultam a aprendizagem dos conteúdos.

O desafio maior é habilitar nossos alunos a usar a norma padrão em situações que requerem seu uso, sem cercar de preconceitos a sua própria variação. Para Labov (1972), seria impossível já que “Nunca encontramos falantes que houvessem ganhado um bom controle da língua padrão e ainda assim tenham preservado o controle do vernáculo não padrão.” (p.215)

Diante desse quadro, Bortoni-Ricardo descarta a viabilidade de uma educação bidialetal, mas considera a possibilidade de “planejar uma educação bidialetal que se adapte às características sociolinguísticas - e principalmente psicossociais- da situação do contato dialetal” (Bortoni-Ricardo, op.cit, p.139)

É uma proposta de consideração e de reconhecimento por parte da escola ao conhecimento linguístico de seus alunos:

O respeito às características culturais e linguísticas do educando, o que lhe garantirá a manutenção da autoestima e viabilizará sua integração na cultura escolar, que lhe é razoavelmente estranha. O conhecimento por parte da escola das características da competência comunicativa que o educando traz consigo e que deverá ser ampliada e diversificada ao longo da formação escolar. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.139)

### **Observação de Sala de Aula**

Há mais de uma década, a observação em sala de aula tem sido considerada uma ferramenta de formação continuada desenvolvida na própria escola. No estado do Paraná esta prática foi oficialmente designada aos diretores e vice-diretores das instituições de ensino estaduais, como parte de suas atribuições a partir de 22 de junho 2021, conforme parágrafo 1º, do artigo 1º do protocolado nº 17.690.406-2:

§1º A Gestão Pedagógica constitui responsabilidade fundamental no desenvolvimento do ensino-aprendizagem eficaz e efetivo, com vista ao alcance dos objetivos educacionais da instituição de ensino, para a qual o Diretor e o Diretor Auxiliar atuarão liderando, coordenando e conduzindo o trabalho coletivo e colaborativo por meio das seguintes ações:



I-Realizar metodologia de observação de sala de aula, presencial ou remota, assistindo pelo menos uma aula por dia letivo, com cronograma prévio combinado com o professor; (PARANÁ, 2021)

A finalidade desta ação é analisar as interações que são edificadas entre o professor, os alunos e os conteúdos a serem trabalhados. Para Reis, 2011:

275

Especialmente durante as últimas décadas, tem-se verificado uma tendência internacional e nacional para encarar a observação de aulas como um processo de interação profissional, de caráter essencialmente formativo, centrado no desenvolvimento individual e coletivo dos professores e na 22 melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens. Para tal, a observação é integrada em processos colaborativos e diferenciados, adequados às necessidades de desenvolvimento de cada professor, os quais são dinamizados por comunidades de aprendizagem constituídas pelos próprios docentes da escola. (REIS, 2011, p. 11)

Antes de mais nada, é necessário que haja uma cultura de parceria para o desenvolvimento profissional acima de tudo. O observador não deve ser tomado como um intruso ou alguém que vem para fiscalizar.

Para estabelecer uma relação de confiança primeiramente o momento da observação precisa ser negociado com o professor. Ele precisa permitir que essa experiência aconteça, inclusive sabendo a hora que acontecerá e com qual objetivo. Reis (2011, p. 12) aponta que “a observação em que o professor tem a possibilidade de selecionar tanto o foco da observação como a pessoa que considera mais qualificada para observar e apoiar seu desenvolvimento profissional. Pretende-se a criação de um clima de respeito, apoio e desenvolvimento mútuos”.

Algumas atitudes do observador colaboram para que o professor observado se sinta mais confortável: primeiramente respeitar o espaço de sala de aula como espaço do professor, sentando-se nas laterais ou no fundo da sala; não interferir na fala do docente e procurar não interagir com os alunos.

Após a aula, o observador analisa suas anotações e analisa o que foi bom e o que pode melhorar na aula do professor. O retorno da observação é uma ação muito importante. Iniciar com os pontos positivos é sempre recomendável. Os pontos negativos devem ser apontados e debatidos com o professor como forma de melhorar a sua prática pedagógica. Um feedback





construtivo e formal é indicado no ambiente escolar. Ouvir o professor em suas potencialidades e dificuldades colabora para um bom relacionamento pessoal. Esta prática é considerada eficiente na medida em que acreditamos que o educador é um profissional capaz de construir e reconstruir suas estratégias de ensino com base na reflexão de sua prática.

### **A Sociolinguística e o Feedback para o Professor**

A proposta deste estudo é, através da observação em sala de aula e do *feedback*, propor aos professores uma reflexão sobre a linguagem que utilizam durante suas aulas e incluir propostas que possam melhorar a comunicação, respeitar a variação do aluno trazendo possibilidades reais da norma-padrão em situações comunicativas, pensando que a pedagogia sensível pode ser aplicada nas aulas de qualquer componente curricular.

O experimento a ser descrito foi realizado entre os meses de setembro e outubro de dois mil e vinte e um, em uma escola periférica da cidade de Londrina, Paraná. Para descrever o público atendido pela escola se faz necessário contar um pouco do bairro no qual eles moram. A escola tem cerca de mil alunos, todos moradores próximos geograficamente. O bairro foi construído há cerca de dez anos e, pela sua constituição principalmente vertical, abriga pelo menos oito mil pessoas nos arredores da instituição de ensino. Há, pelo menos, quinze condomínios, cada um com diversos blocos. São apartamentos pequenos, de dois quartos, nos quais vivem de três até dez pessoas, pelos relatos dos próprios alunos. Além dos condomínios, há casas populares e barracos nos fundos de vale. São crianças de famílias que têm a renda familiar baixa e muito baixa, a maioria é beneficiária do bolsa família e do programa leite na escola.

Podemos considerar a variação que utilizam como português popular. Quando estão conversando entre eles, a linguagem é carregada de gírias e de muitas palavras de baixo calão. Aliás, a violência é algo que se reflete bastante na linguagem e na interação. Temos a impressão de que as palavras de baixo calão são tão comumente utilizadas que já tem um valor menos agressivo. Um fato interessante é que, os mais velhos, alunos do ensino médio, articulam bem



a linguagem a seu favor, tem argumentos fortes e negociam bem quando tem que pedir algo para os professores ou direção.

Os professores são na maioria jovens, não concursados e contratados pelo regime de processo seletivo simplificado (PSS). Isto se justifica, primeiramente pela localização da escola, por ter apenas quatro anos de funcionamento e por estar na modalidade cívico-militar, na qual os professores não fixam mais o padrão de trabalho.

Dois dos três professores selecionados para este trabalho são concursados há mais de cinco anos. Os três professores têm especialização na área que lecionam e experiência de sala de aula.

A observação em sala de aula inicia-se quando o observador combina com o professor, um dia, horário e turma para iniciar o processo. Na escola em questão, esta é uma prática que tem acontecido com frequência e, atualmente, não há resistência, pelo menos explícita. Geralmente, um dos diretores (são dois vices diretores e um diretor geral) assiste a aula. No dia da observação, o diretor se dirige até a sala e senta-se em um lugar que não fique em evidência. Pode-se assistir a aula inteira se julgar necessário, mas geralmente, assistem cerca de trinta minutos por aula. As características a serem observadas já estão pré definidas em um formulário vindo da Secretaria Estadual de Educação, (Anexo 1) não necessariamente, precisam ser todas analisadas. Campos objetivos e subjetivos fazem parte do formulário do observador.

Após a observação, geralmente na próxima hora atividade do professor, é feita a devolutiva em uma conversa particular. A ficha de observação é assinada, guardada em um drive que fica disponível para a Secretaria Estadual de Educação e na pasta física do professor.

O experimento foi realizado com três professores de disciplinas distintas. Foi observado apenas uma aula sendo apresentado o *feedback* em seguida. As informações da observação da aula serão omitidas. Informaremos apenas o *feedback* relativo às considerações relativas aos pontos sobre pedagogia sensível, os quais acrescentamos para este estudo.

A primeira aula que foi observada foi a de língua portuguesa. A aula era híbrida, pois havia alunos assistindo presencialmente e pela internet. A



professora usou como recurso o data show e as atividades propostas em um momento anterior da aula. O conteúdo da aula era “oração subordinada adverbial” para a turma de oitavo ano do ensino fundamental II. As explicações foram feitas através da resolução dos exercícios e de exemplos. A maioria dos alunos que estavam presentes participou da aula, porém era visível que muitos não haviam realizado a atividade e estavam fazendo junto com a professora. Os alunos que estavam online pouco participaram.

Quanto à linguagem, observou-se que havia preocupação com a nomenclatura, a qual era retomada a todo tempo pela relação do advérbio e a oração subordinada. Apesar de a professora sugerir mudanças, apresentar vários exemplos, a aula ficou em torno de repetições de frases bastante distantes de uma situação comunicativa que normalmente os alunos não teriam. Embora não fosse o objetivo observar a metodologia de ensino de língua neste momento, sugerimos que o trabalho fosse desenvolvido com a linguagem em uso, com suas variações, na modalidade oral e escrita.

Quanto à interação com os alunos, a professora sempre estava chamando um ou outro aluno para participar das atividades e colaborava com a participação efetiva. Usa a variação urbana com os alunos. Durante a correção dos exercícios, a ratificação é parcial. Ela intervém na fala do aluno quando não é considerada totalmente apropriada para a ocasião, buscando adequar ao mais apropriado. Estabelece-se um diálogo entre professora e alunos no sentido de buscar maior adequação ao conteúdo da fala do aluno participante. Há, portanto, uma ratificação do aluno enquanto falante, mas não há ratificação total do conteúdo de sua fala. No final da análise dessa aula, verificamos que a professora tem uma boa interação com os alunos desta turma, desenvolve diálogos com eles, explicita o conteúdo proposto, não julga a variação utilizada por eles, porém tem na gramática o forte componente das suas aulas. Durante o feedback, expusemos este ponto a ela e ressaltamos que seria interessante refletir sobre o português brasileiro e sobre o trabalho com a nossa língua materna em sala de aula. Se valorizarmos menos as regras prescritivas e usar nosso idioma com confiança como falantes nativos que somos, mostrar-nos-emos mais competentes e podemos contagiar nossos alunos a fazer o mesmo.



A segunda aula observada foi uma aula de história, para o sexto ano do ensino fundamental II, que tinha como tema “as grandes navegações”. A aula era de revisão e trazia um jogo muito divertido. O interessante nesta aula foi que o professor se encontrava de afastamento com suspeita de COVID e os alunos estavam em sala de aula de maneira presencial. Foi usado o Google Meet para a transmissão ao vivo da aula. Gostaríamos de ressaltar que, a relação que o professor tinha com esses alunos era tão intensa que não houve nenhum problema de indisciplina, mesmo com o professor atendendo-os à distância. Outro fator interessante é que o professor é carioca e os alunos reconhecem a sua variação e seu sotaque e o nomeiam como “aquele professor que fala diferente”. Porém, enquanto falam não há sinais de preconceito e sim de aceitação do que não é igual a fala deles. No início da aula, há as instruções para o jogo e a divisão da turma. Durante o jogo aparecem diversos vocábulos referentes ao conteúdo que os alunos reconhecem e quando não reconhecem, pistas são dadas até que cheguem ao significado. A aula flui tão bem que, quase quarenta minutos depois, os alunos ainda estão jogando, disputando e aprendendo.

Quanto ao feedback ao professor, engrandecemos a relação de proximidade e ao mesmo tempo de respeito que o professor conseguiu construir com seus alunos. Eles mantêm diálogos durante a aula, o professor auxilia na compreensão dos conteúdos e os faz aprender e revisar aquilo que já aprenderam. Pareceu-nos que palavras como “especiarias”, “naus”, “orientes”, “ocidentes”, já estavam introjetadas na aprendizagem dos alunos. Verificou-se também que o professor varia o grau de monitoração de sua fala como um recurso espontâneo para obter melhor relacionamento com seus alunos.

A maneira que cada professor se relaciona com seus alunos é única, mas neste caso entendemos que este professor conseguiu administrar e desenvolver estratégias de ajustamento das crianças falantes de uma variedade popular à cultura escolar.

A terceira aula observada foi a de geografia para o terceiro ano do ensino médio e tinha como tema “globalização e comércio exterior”. A aula era



transmitida online, pelo *Google Meet*, no laboratório de informática, cada aluno com o seu login, computador e fone de ouvido.

O professor utilizou como recurso os slides e a aula expositiva já proposta pela secretaria da educação e disponibilizada pelo *Google Classroom*. A aula foi completamente expositiva e o professor falou durante quase quarenta minutos. Durante este período, os alunos só escutaram, não houve interação, perguntas provocativas ou exercício de escrita. Ao final da aula, o professor pediu para que os alunos fizessem um resumo daquilo que tinham aprendido. Os alunos imediatamente entraram no buscador e escreveram o que tinha no primeiro site pesquisado.

Como *feedback* dessa aula havia alguns pontos a serem colocados: Primeiramente, não houve chance para que os alunos verbalizassem, fizessem perguntas ou interagissem com o professor. Quando colocada esta observação ao professor, ele justificou que estava iniciando o conteúdo e que preferia explicar desta forma. Desta maneira, não pudemos nem ouvir estes alunos, se há variação linguística, se eles conseguem se posicionar perante uma situação comunicativa e como o professor administra isto. Em situações como esta assume-se a postura do professor como o detentor do conhecimento e os alunos meros observadores e depositários de conteúdos, conteúdos estes comprovadamente esquecidos assim que a aula termina. Orientamos o professor que, quando o aluno tem atividades em que se põe em uma posição de produção, quando lhe é dada a chance de verbalizar, consegue-se determinar em que ponto ele está a fim de dar prosseguimento ao processo de ensino e aprendizagem.

A observação em sala de aula não tem um cunho sociolinguístico. Esperamos que a continuidade deste trabalho possa prosperar e interferir positivamente no processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos.

### **Considerações Finais**

A observação em sala de aula é uma prática pedagógica realizada pelo coordenador pedagógico, no caso das escolas públicas do Paraná, faz parte da demanda dos diretores da instituição de ensino. Esta ação objetiva



acompanhar o trabalho do professor e ajudá-lo a aprimorar a didática e outras dinâmicas docentes.

Quanto a pedagogia culturalmente sensível, conceito relacionado à linguagem e interação entre professor e aluno e aluno/aluno, pode ser considerada uma mediação de conflito. Estes conflitos, muitas vezes nascem inconscientemente e, através da prática da observação de sala de aula, podem ser percebidos pelo profissional observador e levado para a reflexão do professor observado.

Este experimento associou a observação dos fatores técnicos da aula a fatores da pedagogia culturalmente sensível, a fim de chamar a atenção do professor para o aspecto linguístico, algo que pode ser administrado a favor do processo de ensino e aprendizagem.

Acreditamos que o aluno é o protagonista da construção do seu conhecimento, mas para trilhar esse caminho ele depende de orientadores e coprodutores que o estimulem em sua formação para que ele compreenda que todos independentemente de "raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, fortuna, nascimento ou qualquer outra condição" (NAÇÕES UNIDAS, 1996, p. 01) podem se comunicar pela sua língua, pois ela é a identidade e a liberdade do falante.

Valorizar a oralidade é a porta de entrada para o ensino da língua e suas variedades e pouco a pouco envolver o aluno nos processos de aprendizagem pelas práticas sociais. É pelo professor e suas concepções de língua e ensino que os desafios do contexto atual educacional podem ser vencidos. É possível desenvolver um trabalho eficiente na formação de cidadãos que entendem a sua realidade e podem mudá-la se assim desejarem.

É pela atitude de respeito com o outro, com atitudes menos repressoras, que a escola se torna um ambiente de aprendizagem significativa. Implementar a pedagogia culturalmente sensível exige mudanças de atitude diária e de atenção a cada movimento. Buscar a interação permitindo que o educando fale valorizando-o como falante legítimo de sua língua, aproveitar a experiência que o alunado traz, incentivá-los a se manifestar, fornecer modelos e estilos



monitorados de língua ensinando-os quando e como usá-los, desenvolver estratégias que diferenciem eventos de oralidade e letramento.

Enfim, a escola funcionando como agência de letramentos, aceitando a diversidade e a tornando útil no processo de ensino.

### Referências Bibliográficas

ALKMIN, Tania Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004

ERICKSON, Frederick. **Transformation and school success**: the politics and culture of educational achievement. *Anthropology & Education Quarterly*. Vol. 18 (4), 1987, pp. 335-56.

BAGNO, Marcos. **Preconceitos linguísticos, o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BORTONI, Stella Maris. Educação em língua materna. **A sociolinguística na sala de aula**. Ed. Parábola, 2009.

BORTONI, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. Parábola Editorial, 2005.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: Desatando alguns nós. São Paulo. Ed. Parábola, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em : . Acesso em :30/12/2021.

PARANÁ, **DECRETO 7943- 22 DE JUNHO DE 2021**. Diário Oficial nº 10960. protocolado nº 17.690.406-2. Disponível em [https://leisestaduais.com.br/pr/decreto-n\\_7943-2021-parana-regulamenta-a-lei-no-18-590-de-15-de-outubro-de-2015-que\\_define-os-criterios-de-escolha-mediante-a-consulta-a-comunidade-escolar-para\\_designacao-de-diretores-e-diretores-auxiliares-da-rede-estadual-de-educacao\\_basica-do-parana-e-da-outras-providencias](https://leisestaduais.com.br/pr/decreto-n_7943-2021-parana-regulamenta-a-lei-no-18-590-de-15-de-outubro-de-2015-que_define-os-criterios-de-escolha-mediante-a-consulta-a-comunidade-escolar-para_designacao-de-diretores-e-diretores-auxiliares-da-rede-estadual-de-educacao_basica-do-parana-e-da-outras-providencias) Acesso em 15/11/2021



PAULISTA, Maria Lúcia Loureiro. Variação Linguística Primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos** vol.21, Ano 13, nº 02 (2016). Disponível em <https://periodicos.unemat.br>. Acesso em 26/01/2023

REIS, Pedro. **Observação de aulas e avaliação docente**. Lisboa, Ministério da Educação, Conselho Científico para Avaliação de Professores, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 15 ed. São Paulo, Ática, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian. & HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

283

### **Sobre as autoras**

#### **Aline de Abreu Curunzi**

[aline.acurunzic@uel.br](mailto:aline.acurunzic@uel.br)

Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora de inglês e português pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná.

#### **Letícia Gabriele Zilli**

[Leticia.gabriele@uel.br](mailto:Leticia.gabriele@uel.br)

Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

